

CHOQUE DE COMPETITIVIDADE

Para ganhar maior destaque na bataticultura mundial, o Brasil precisa de um choque de gestão em suas propriedades

Por Daniel Hiroshi Nakano e João Paulo Bernardes Deleo
Colaboração: Margarete Boteon

A produção de batata nos países em desenvolvimento deve superar a do bloco desenvolvido nas próximas décadas. Essa estimativa é fundamentada na maior disponibilidade de área, na perspectiva de aumento do consumo *per capita* e na difusão de tecnologia de produção nos países em desenvolvimento. Entre esses, os asiáticos despontam como mais promissores que os da América Latina.

O Brasil, porém, tem condições de avançar nesse setor e aumentar sua competitividade. Isso depende, principalmente, da superação de alguns desafios, como os altos custos, que hoje limitam a expansão da agroindústria, e

a melhora do sistema de comercialização do produto *in natura* no País.

Para vencer essas limitações, é importante acompanhar o avanço da bataticultura nos principais países produtores e observar seus aspectos competitivos e também os possíveis entraves para o crescimento da produção nessas regiões. Com esse propósito, a **Hortifruti Brasil** comparou os indicadores de competitividade da bataticultura global com os da nacional e aponta, no estudo apresentado a seguir, as principais barreiras que ainda impedem o desenvolvimento do setor no País e também caminhos para superá-las.



PERSPECTIVAS PARA A BATATICULTURA MUNDIAL

Países em desenvolvimento serão os principais produtores:

A produção de batata dos países em desenvolvimento ultrapassará a dos desenvolvidos até o final da próxima década. O ganho de produtividade asiática, africana e latina poderá impulsionar a produção, enquanto a modernização em países do leste europeu e da Rússia deve seguir lenta.

Sustentação do consumo global:

- O consumo global só será mantido ou elevado se a Ásia continuar a crescer nos níveis atuais. Analistas acreditam que a população asiática está diversificando sua base alimentar, aumentando o consumo de batata em substituição, parcial, ao arroz. Com isso, a taxa de crescimento do consumo mundial poderia se manter elevada, compensando a redução observada nos países europeus.

Concentração da estrutura produtiva:

O uso de tecnologias que proporcionem elevação da produtividade e o aumento da escala será vital para a manutenção da rentabilidade do setor produtivo. No entanto, a intensificação da produção pode ser limitada em alguns países por restrições ambientais.

Crescimento do comércio global:

O crescimento da industrialização pode impulsionar o comércio mundial do tubérculo, favorecido pelo aumento da demanda por alimentos prontos, como salgadinhos e aperitivos, especialmente na Ásia, África e América Latina. Para acompanhar esse avanço, é importante o aumento da competitividade nacional. Muitos países não suportarão a concorrência das batatas pré-fritas congeladas importadas, principalmente porque sua produção não é viável em pequena escala.



Batata: um mercado de 60 bilhões de dólares

Apesar de a batata ser considerada apenas mais um item do grupo das hortaliças no Brasil, mundialmente, sua importância em termos de consumo humano é comparável à de grandes *commodities*, ficando atrás somente do trigo, do arroz e do milho. Segundo cálculos da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), o valor mundial da produção do tubérculo foi de aproximadamente US\$ 63 bilhões, em 2003¹. Em 2005, foram produzidas 300 milhões de toneladas de batata em uma área de 18 milhões de hectares.

Apesar de ser um produto típico de hábitos alimentares europeus, a distribuição geográfica do plantio do tubérculo tem se alterado nas últimas décadas. Em 1961, 51% da produção mundial era concentrada na Europa, enquanto a Ásia era responsável por 9%. Desde o início da década de 90, a participação asiática vem se intensificando e, em 2005, já tinha o mesmo percentual que a Europa na produção mundial, 41%.

O avanço do produto na Ásia contribuiu com a distribuição dos plantios no mundo. Hoje, a Ásia produz 80% do volume dos países em desenvolvimento, sendo que só a China responde por 20% da produção global, destacando-se como maior produtor mundial. Um dos fatores para esse movimento é a fácil adaptação da batata a regiões com diferentes condições climáticas. Além disso, é um importante alimen-

A comercialização da batata processada tem ganhado espaço. O seu crescimento no mercado mundial é mais promissor que o da batata *in natura*





A Ásia produz **80%**
do volume dos países
em desenvolvimento.
Só a China responde
por **20%**
da produção global

to em países populosos, como a China e a Índia, e fonte de carboidrato, potássio, proteína e vitamina C.

Na China, o que também estimulou o cultivo foi a diversificação das culturas agrícolas em substituição à monocultura do arroz. Atualmente, o país está investindo em pesquisas para ampliar a produção e fortalecer a indústria nacional do tubérculo processado². A projeção é que o mercado chinês de batata pré-frita congelada cresça 20% ao ano (nos próximos anos)³.

**O ganho de produtividade asiática
nos próximos anos
consolidará os países
em desenvolvimento como
maiores produtores de batata**

A produtividade chinesa também deve aumentar significativamente, sobretudo com a introdução de novas variedades resistentes a doenças. Atualmente, porém, o baixo potencial genético do tubérculo ainda é um fator limitante à produtividade no país. Nesta década, a produtividade da China permanece próxima a 16 t/ha, ainda muito baixa em comparação à

de países desenvolvidos.

Mesmo com a globalização da produção do tubérculo, o comércio externo ainda é muito pequeno em comparação ao mercado doméstico dos países produtores. Das mais de 300 milhões de toneladas produzidas por ano, as exportações da batata *in natura* se restringiram a 9 milhões de toneladas em 2005. Os elevados custos de pós-colheita e de logística em função da perecibilidade do produto inviabilizam o transporte a longas distâncias.

O protecionismo é outro fator que limita o comércio global. São praticadas “políticas de fronteiras” como taxas, cotas de importação e barreiras fitossanitárias que acabam por dificultar negociações com o tubérculo. Por outro lado, a literatura internacional não aponta subsídios diretos à produção de batata.

Apesar de as exportações de batata *in natura* terem gerado uma receita muito similar à do produto congelado em 2005, cerca de US\$ 3 bilhões, a comercialização da batata processada tem ganhado espaço. Na avaliação de analistas, a área de processamento é que tem o crescimento mais promissor globalmente. Mais da metade da área da União Europeia e também de países em desenvolvimento, como a Argentina, Colômbia, China e Egito, já é destinada à produção de variedades específicas para processamento.

A alteração dos hábitos alimentares da população mudou a forma de consumo de batata. Analisando os consumidores de países produtores de elevada produção per capita do tubérculo – acima de 100 kg/hab/ano –, pode-se observar que a batata *in natura* está perdendo espaço na cesta de compras da população, principalmente entre os de renda mais elevada da Europa. Países do leste e do oeste europeu consomem, respectivamente, 200 e 120 kg/hab/ano (média de 2002 a 2004); há 20 anos, consumiam cerca de 400 kg e 150 kg, respectivamente.

Na Alemanha, por exemplo, o consumo *per capita* atual de batata é de 66,8 kg, dos quais 32 kg são do produto *in natura*⁴. Em 1960, o consumo era de 100 kg/hab/ano. Uma das razões da menor ingestão da batata *in natura* é o aumento de renda da população, que impulsiona a compra do processado e a substituição da batata por um leque maior de opções de alimentos, inclusive o arroz. A perspectiva é que o consumo do tubérculo *in natura* continue reduzindo na Alemanha, mas a produção deve ser sustentada pela demanda das processadoras.

Enquanto os alemães trocam batata por arroz, os asiáticos seguem na direção oposta. A Ásia quase duplicou sua produção *per capita* em 20 anos, passando de 20 kg/hab (década de 80) para 34 kg/hab (década de 2000). Na África, o crescimento da produção *per capita* no período (da década de 80 à atual) foi na ordem de 50%. O maior aumento foi registrado na região ao norte do continente, sendo essa produção voltada a atender a “janela de produção” do inverno europeu.

Na América do Sul, o consumo *per capita* encontra-se praticamente estável nos últimos 20 anos. O perfil da produção de batata nesses países é muito heterogêneo. Os mais tecnificados são o Chile e a Argentina². Na literatura internacional, a produção brasileira, no final da década passada, era comparada à mexicana e à peruana, que apresentavam nível de tecnificação de baixo a médio. Os Estados Unidos foram um dos poucos países desenvolvidos com tradição no cultivo do tubérculo que avançou o seu consumo nesta década. O avanço tecnológico no campo e a criação de uma indústria forte da

Quando se avaliam a modernização da bataticultura e o aumento da competitividade global, os destaques são o ganho de escala e o aumento do uso de tecnologias



Foto: www.uspotatoes.com

batata foram vitais para o crescente consumo nesse país. Destacam-se nesse processo também a ascensão da comida congelada e a utilização do forno de microondas².

O consumo *per capita* passou de 65 kg/hab (média dos anos de 1982 a 1984) para 71 kg/hab (média dos anos de 2002 a 2004). Atualmente, 32% do que é produzido no país é comercializado *in natura*, 60% vai para o processamento e o restante é destinado para semente. Vale lembrar que nas décadas passadas o consumo *per capita* encontrava-se em queda.

Ao contrário dos demais países desenvolvidos com importância econômica no setor da batata, no último século, os Estados Unidos conseguiram tornar a bataticultura um dos setores de grande expressão do agronegócio do país. Um dos fatores que promoveu o avanço da bataticultura norte-americana foi sua concentração fundiária e regional, longe dos grandes centros mas com recursos naturais mais abundantes, incluindo os hídricos.

A excelente infra-estrutura logística do país possibilitou sua distribuição nacionalmente. A produtividade dos Estados Unidos, em 20 anos, saltou de 34 t/ha (1983/85) para 43 t/ha (2003/05), segundo dados da FAO.

No geral, quando se avaliam a modernização da bataticultura e o aumento da competitividade global, os destaques são o ganho de escala e o aumento do uso de tecnologias. A irrigação, por exemplo, foi uma das técnicas que mais contribuiu para o aumento da produção de batata no mundo, e a previsão é que metade da área global de batata será irrigada na próxima década².

A agricultura de precisão é outra tecnologia que está sendo adaptada pelas propriedades mais modernas, para garantir uma lucratividade maior. As melhorias na logística e na comercialização também são pontos-chave para ampliar a competitividade das áreas de alto potencial produtivo.

Outra questão importante é a volatilidade dos preços do tubérculo. Nos Estados Unidos, a oscilação dos preços diminuiu com o aumento dos contratos das processadoras de batata com produtores. Os riscos de mercado, até então dado pelos choques de oferta, passaram a ser as características do produto, como teor de matéria seca.



Mais qualidade e economia em cada aplicação.

Amistar

A evolução natural e mais econômica dos fungicidas

© Syngenta, 2006.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob responsabilidade agrônomo



C.a.s.a. 0800 704 4304
CENTRO AVANÇADO SYNGENTA DE ATENDIMENTO
DÚVIDAS - SUGESTÕES - EMERGENCIAS

www.syngenta.com.br



Altos custos e baixa produtividade limitam a competitividade nacional

Ao avaliar o *ranking* dos principais produtores de batata e dos países com maior produtividade, nos últimos 20 anos, é possível observar que o Brasil pouco avançou em termos de competitividade global (veja análise da competitividade brasileira ao lado). Mesmo com o uso mais intensivo de tecnologia, o País ocupa o 50º lugar entre os países de melhor produtividade entre os anos de 2003 e de 2005. Essa posição representa um avanço em relação ao 67º lugar ocupado entre 1983 e 1985.

O Brasil praticamente não alterou sua posição entre os maiores produtores mundiais, mantendo-se como o 18º produtor (em volume). A melhora brasileira no *ranking* mundial foi verificada, principalmente, após a formação do Mercosul e a abertura comercial do País na década passada. O Brasil foi o 11º maior importador mundial da batata congelada entre os anos de 2002 e 2004, comprando US\$ 48 milhões de batata congelada no período. Há 10 anos, o Brasil ocupava o 17º lugar do *ranking* e gastava US\$ 4 milhões com importações.

O avanço do País no comércio global, no entanto, reafirma a baixa competitividade internacional da bataticultura brasileira. O crescimento das importações do tubérculo é estimulado principalmente pela ausência de uma agroindústria nacional. O Brasil importa e praticamente não exporta.

Um dos indicadores que mostra a baixa competitividade brasileira no mercado global é o preço recebido pelo produtor brasileiro em relação ao obtido pelos bataticultores dos países que detêm melhor tecnologia. O preço médio recebido pelo produtor nacional, entre 2002 e 2004, ficou em torno de US\$ 10,00/sc de 50 kg, enquanto que os bataticultores dos dez países com melhor produtividade receberam em torno de US\$ 8,00/sc de 50 kg, segundo a FAO¹.

Saindo da perspectiva mundial, que engloba mais de 250 países, para focar a América do Sul, observa-se que o Brasil teve avanços significativos. A expectativa é que a produção brasileira ultrapasse a peruana, resultando na consolidação do Brasil como maior produtor do Hemisfério Sul nos próximos anos. Atualmente, o País é o segundo maior produtor de batata da América do Sul e está muito próximo do primeiro, o Peru. Enquanto o Brasil produziu cerca de 3 milhões de toneladas entre os anos de 2003 e 2005, o Peru produziu 3,150 milhões de toneladas.

Apesar das boas condições climáticas do Peru para a produção de batata, a produtividade é muito pequena devido à baixa qualidade da semente. A sua estrutura fundiária pulverizada em pequenos módulos também dificulta a modernização de sua estrutura produtiva. No Peru, 63% da área cultivada é de produtores com áreas de até cinco hectares. O principal avanço da bataticultura brasileira foi o aumento da produtividade. As médias obtidas de 2003 a 2005 entre os 10 países de melhor tecnologia encontravam-se superiores a 40 t/ha, enquanto no Brasil era de 21 t/ha – entre 1983 e 1985, porém, era de ape-

PREÇO PAGO AOS PRODUTORES DOS PAÍSES COM MAIOR PRODUTIVIDADE (US\$/kg)

Ranking	País	Década de 2000*
1	Nova Zelândia	5,58
2	Bélgica	3,27
3	Holanda	4,54
4	Estados Unidos	7,17
5	França	16,18
6	Reino Unido	7,06
7	Alemanha	4,72
8	Dinamarca	8,59
9	Irlanda	7,93
10	Suíça	14,77
	Média	7,98
50	Brasil	10,15

Fonte: FAO

*Média dos preços dos países de maior produtividade, (2002/2004)

RANKING DE COMPETITIVIDADE BRASIL X MUNDO

ÁREA MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (ha)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	União Soviética	1	Rússia	1	China
2	China	2	China	2	Rússia
3	Polônia	3	Polônia	3	Ucrânia
4	Índia	4	Ucrânia	4	Índia
5	Alemanha	5	Índia	5	Polônia
...
16	Brasil	16	Brasil
...
...	22	Brasil

Fonte: FAO

PRODUÇÃO MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (t)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	União Soviética	1	China	1	China
2	Polônia	2	Rússia	2	Rússia
3	China	3	Polônia	3	Índia
4	Alemanha	4	Estados Unidos	4	Estados Unidos
5	Estados Unidos	5	Ucrânia	5	Ucrânia
...
...	18	Brasil
...	...	19	Brasil
20	Brasil

Fonte: FAO

PRODUTIVIDADE MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (t/ha)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Israel	1	Nova Zelândia	1	Nova Zelândia
2	Holanda	2	Holanda	2	Bélgica
3	Suíça	3	Suíça	3	Holanda
4	Reino Unido	4	Reino Unido	4	Estados Unidos
5	Dinamarca	5	Estados Unidos	5	França
...
...	50	Brasil
...	...	58	Brasil
67	Brasil

Fonte: FAO

PRODUÇÃO PER CAPITA PRINCIPAIS PAÍSES (kg/hab/ano)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Polônia	1	Bielo - Rússia	1	Bielo - Rússia
2	Holanda	2	Polônia	2	Holanda
3	União Soviética	3	Holanda	3	Lituânia
4	Chipre	4	Latvia	4	Ucrânia
5	Romênia	5	Estônia	5	Polônia
...
...
64	Brasil
...	...	96	Brasil
...	103	Brasil

Fonte: FAO

BATATA CONGELADA: IMPORTADORES LÍQUIDOS PRINCIPAIS PAÍSES (t)

Ranking	Década de 90 ⁽⁴⁾
1	Japão
2	Alemanha
3	Reino Unido
4	França
5	Itália
...	...
...	...
...	...
...	...
17	Brasil

Ranking	Década de 2000 ⁽⁵⁾
1	Reino Unido
2	Japão
3	Itália
4	Estados Unidos
5	Alemanha
...	...
...	...
11	Brasil

Fonte: FAO

(4) Média por país - exportação menos importação - 1992 a 1994

(5) Média por país - exportação menos importação - 2002 a 2004



(1) Média por país entre 1983 e 1985 - (2) Média por país entre 1993 e 1995 - (3) Média por país entre 2003 e 2005.

nas 12 t/ha. Essa marca posiciona o Brasil como o segundo em produtividade na América do Sul, ficando atrás somente da Argentina, que produz cerca de 28,5 t/ha (2003 e 2005).

O ganho de produtividade e a concentração fundiária no Brasil, no entanto, não impulsionaram a rentabilidade no campo e nem reduziram os custos para os patamares dos vizinhos sul-americanos. Isso pode ser verificado analisando o preço ao produtor. Utilizando este índice como uma estimativa de custo de produção somado a uma pequena margem de lucro, observamos que o custo do produto brasileiro só não é maior do que em países como o Paraguai e o Uruguai – de baixa tecnologia de produção. O preço recebido pelo produtor argentino é próximo de US\$ 7,00/sc enquanto o do brasileiro fica em torno de US\$ 10,00/sc (2002/04).

Dos três países de melhor tecnologia na América do Sul (Chile, Argentina e Brasil) atualmente, a Argentina, por ter a melhor produtividade (28,5 t/ha), constitui-se em um exportador para o Brasil. Nossa produtividade é similar à do Chile, mas como temos um mercado doméstico maior, somos considerados um importador líquido – a receita com importações supera as exportações, tanto de sementes quanto do produto industrializado.

O Brasil é o foco dos principais exportadores que visam o mercado latino. Importamos mais que o dobro dos demais países sul-americanos de batata pré-frita congelada, por exemplo. A atratividade brasileira é dada pelo tamanho da sua população apesar do volume relativamente baixo da produção por habitante, cerca de 17 kg/ano (2002/04). No Peru, a produção é superior a 100 kg/hab/ano (2002/04). No Brasil, há vários substitutos alimentares para a batata, enquanto que em países de importância econômica na produção de batata as opções são menores.

Mesmo que a produção *per capita* de batata do Brasil mantenha-se estável nos próximos 10 anos, o aumento da população brasileira manterá o País atrativo para os exportadores do produto congelado. A perspectiva é que, em 2020, a população brasileira atinja 220 milhões de habitantes - atualmente é de 187 milhões, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



AMÉRICA DO SUL: PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR US\$/sc 50 kg

Ranking	América do Sul	Década de 2000*
1	Peru	6,00
2	Argentina	6,80
3	Chile	7,03
4	Equador	7,23
5	Bolívia	7,29
6	Colômbia	9,92
7	Brasil	10,15
8	Paraguai	10,59
9	Uruguai	11,97
	Média	8,56

*Média dos preços dos países de maior produtividade, (2002/2004)

Fonte: FAO

BATATA CONGELADA: IMPORTADORES LÍQUIDOS AMÉRICA DO SUL (t)

Ranking	Década de 90 ⁽⁴⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽⁵⁾
1	Brasil	1	Brasil
2	Argentina	2	Chile
3	Uruguai	3	Equador
4	Chile	4	Uruguai
5	Peru	5	Peru
6	Equador	6	Paraguai
7	Colômbia	7	Bolívia
8	Paraguai	8	Colômbia
9	Bolívia	9	Guiana

(4) Média por país - exportação menos importação - 1992 a 1994

(5) Média por país - exportação menos importação - 2002 a 2004

Fonte: FAO

RANKING DE COMPETITIVIDADE

BRASIL X AMÉRICA DO SUL

ÁREA: AMÉRICA DO SUL (ha)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Peru	1	Peru	1	Peru
2	Brasil	2	Colômbia	2	Colômbia
3	Colômbia	3	Brasil	3	Brasil
4	Bolívia	4	Bolívia	4	Bolívia
5	Argentina	5	Argentina	5	Argentina
6	Chile	6	Equador	6	Chile
7	Equador	7	Chile	7	Equador
8	Uruguai	8	Uruguai	8	Uruguai
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

PRODUÇÃO: AMÉRICA DO SUL (t)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Colômbia	1	Colômbia	1	Peru
2	Argentina	2	Brasil	2	Brasil
3	Brasil	3	Argentina	3	Colômbia
4	Peru	4	Peru	4	Argentina
5	Chile	5	Chile	5	Chile
6	Bolívia	6	Bolívia	6	Bolívia
7	Equador	7	Equador	7	Equador
8	Uruguai	8	Uruguai	8	Uruguai
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

PRODUTIVIDADE: AMÉRICA DO SUL (t/ha)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Argentina	1	Argentina	1	Argentina
2	Colômbia	2	Colômbia	2	Brasil
3	Chile	3	Chile	3	Chile
4	Brasil	4	Brasil	4	Colômbia
5	Equador	5	Peru	5	Uruguai
6	Peru	6	Uruguai	6	Peru
7	Uruguai	7	Equador	7	Equador
8	Paraguai	8	Paraguai	8	Bolívia
9	Bolívia	9	Bolívia	9	Paraguai

PRODUÇÃO PER CAPITA AMÉRICA DO SUL (kg/hab/ano)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Bolívia	1	Bolívia	1	Peru
2	Peru	2	Colômbia	2	Bolívia
3	Colômbia	3	Chile	3	Chile
4	Chile	4	Peru	4	Colômbia
5	Argentina	5	Argentina	5	Argentina
6	Uruguai	6	Uruguai	6	Uruguai
7	Equador	7	Equador	7	Equador
8	Brasil	8	Brasil	8	Brasil
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

(1) Média por país entre 1983 e 1985 - (2) Média por país entre 1993 e 1995 - (3) Média por país entre 2003 e 2005.

Choque de gestão na bataticultura nacional

A liderança brasileira será alcançada quando o País puder ofertar a batata a um preço competitivo internacionalmente, tiver uma indústria processadora forte e uma melhor organização da estrutura de comercialização do produto *in natura*.

Um passo inicial para o Brasil atingir a liderança no cenário global é diminuir os custos de produção através de um choque de gestão das propriedades. Assim, os bataticultores terão que avaliar quais os principais itens que encarecem a produção e buscar formas de minimizá-los, além de investir em tecnologias de produção (semente, irrigação, fitossanidade e nutrição) e no uso racional dos insumos na propriedade.

Para isso, é importante um amplo estudo sobre o custo de produção brasileiro a fim de se desenvolver índices que possibilitem uma análise comparativa da competitividade nacional com os principais produtores do tubérculo. Até o próximo *Especial Batata*, previsto para outubro de 2007, a **Hortifruti Brasil** deve divulgar outro estudo próprio, mais completo, sobre as formas

de melhorar o gerenciamento agrônomo e comercial das propriedades bataticultoras do País.

Preliminarmente, uma análise exploratória comparando os custos de produção nacional com os da Argentina e dos Estados Unidos mostra algumas iniciativas que a bataticultura brasileira deve tomar para am-

pliar sua competitividade em termos globais e estabelecer metas para diminuir o custo de produção.

Apesar das limitações metodológicas desta análise preliminar - já que a coleta de dados não seguiu os mesmos procedimentos amostrais nos diferentes países, as variedades e as tecnologias são distintas -, é possível avaliar de forma relativa os principais itens que oneram os custos de produção de cada país, o valor despendido por hectare e a distribuição dos gastos.

Para a safra 2006/07, o custo variável de produção argentino da batata *in natura*, do sudeste de Buenos Aires foi de aproximadamente US\$ 3,1 mil/ha, com uma produtividade média 38 t/ha - incluindo o arrendamento da terra, semente, defensivos, fertilizantes, irrigação, mão-de-obra, impostos e encargos e sacaria⁷.

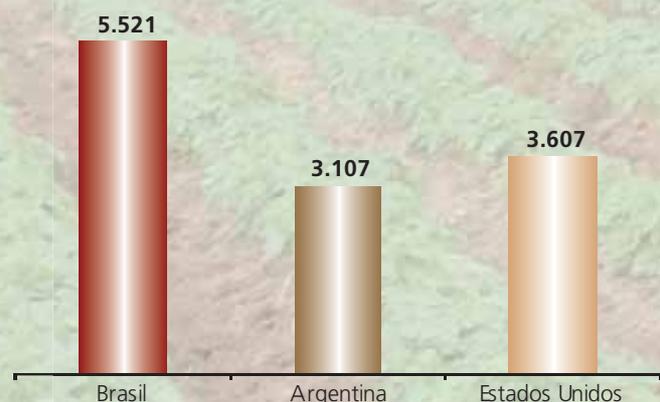
Nos Estados Unidos, no mesmo período, os gastos por hectare - incluindo semente, fertilizante, defensivos, assistência técnica, irrigação, gastos com maquinário, combustível e lubrificante, mão-de-obra e encargos -, foram de cerca de US\$ 3,6 mil/ha, para uma produtividade de aproximadamente 55 t/ha no sudeste de Idaho, importante região produtora de batata⁸.

No Brasil, em 2006, o Projeto **Hortifruti Brasil**, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) estimou, junto aos principais produtores do Sudoeste Paulista, os gastos, em torno de US\$ 5,5 mil/ha, para uma produtividade média de 30 t/ha. Esse custo inclui fertilizante, sementes, defensivos, combustível, reparos mecânicos, irrigação, mão-de-obra, beneficiamento, impostos, seguro, encargos sociais, assistência



**CUSTO BRASILEIRO
É MUITO ALTO
EM COMPARAÇÃO
AO DE PAÍSES
COMPETITIVOS
NO MERCADO
MUNDIAL DE BATATA**

CUSTO DE PRODUÇÃO POR HECTARE, US\$



Fontes: Cepea; Constantino⁷; Patterson⁸

técnica e financiamento do capital de giro.

A baixa eficiência brasileira é observada na planilha de custo de produção. Um dos maiores gastos é com defensivos e adubos, no entanto, nossa produtividade ainda é muito baixa em relação à média mundial. Em outros países, como na Argentina, estes insumos representam bem menos do total do custo de produção e a produtividade é mais elevada. Vale lembrar que as condições climáticas e a fertilidade do solo argentino são mais favoráveis ao cultivo do tubérculo, mas nada impede que o desenvolvimento de materiais genéticos mais adaptados às condições brasileiras, aliado ao melhor manejo nutricional, hídrico e fitossanitário, possam ampliar a produtividade sem elevar os gastos com adubos, defensivos e irrigação.

Além da questão genética, a busca por controles alternativos, como a adoção de programas de produção integrada, também pode contribuir para a redução do custo com insumos, além de melhorar a imagem da batata quanto às questões de segurança do alimento – apelo crescente no setor alimentício nacional. Assim, o País poderia inibir a entrada da batata *in natura* beneficiada – apesar de já ser restrito o volume importado – e estimular o desenvolvimento da agroindústria nacional para a produção da batata pré-frita congelada, por exemplo, segmento muito dependente das importações hoje em dia.

Apesar de os custos de produção da Argentina serem menores, a exigência do consumidor brasileiro por produto de boa aparência – lavado e de pele lisa – acaba se tornando uma barreira à entrada da batata *in natura* argentina. Mesmo que o país vizinho estimulasse a demanda brasileira por batata não beneficiada, não é permitido le-

galmente entrar apenas batata escovada no País, mantendo uma barreira legal ao produto brasileiro fresco.

Por outro lado, o elevado custo de produção nacional impede o avanço da agroindústria brasileira, ao mesmo tempo em que estimula o processamento em outros países, mesmo que o foco seja o mercado brasileiro – isso ocorre com a Argentina. Em função do alto custo da matéria-prima, a indústria brasileira de batata não avança e não consegue adquirir o tubérculo a valores menores que US\$ 10,00 e US\$ 15,00/sc de 60 kg, enquanto que no vizinho, esse custo é cerca de metade. O Brasil só será mais competitivo quando conseguir diminuir seus custos. Se isso não ocorrer, a bataticultura não ampliará sua inserção no mercado global, mantendo, simultaneamente, espaço aberto para o produto importado. ■

Referências:

¹As estatísticas de produção, produtividade, área, preço, valor da produção, exportação e importação mencionadas no texto e sem citação da sua fonte foram extraídas da FAO no endereço eletrônico: <http://apps.fao.org>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

²WALKER, T.S; SCHMIEDICHE, P.E; HIJMANS, R.J. World trends and patterns in the potato crop: An economic and geographic survey. Potato Research, n. 42, p.241 –264, 1999.

³China Frozen Potato Products Annual 2005. USDA Foreign Agricultural Service Report (07/14/2005). Disponível: <<http://www.fas.usda.gov>>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

⁴Meinecke, M.U. El mercado de la patata fresca y transformada em Alemania. Instituto Español de Comercio Exterior, Marzo 2005.

⁵Potato Association of America Handbook. Commercial Potato Production In North America. Disponível: <<http://cropandsoil.oregonstate.edu/classes/CSS322/Cppina.htm>>. Acesso em 15 de setembro de 2006.

⁶Producción de papa em Peru. Disponível em: <http://www.argenpapa.com.ar/>. Acesso em 17 de setembro 2006.

⁷CONSTANTINO, S. Custo de Produção de Batata no Sudeste de Buenos Aires na safra 2006/2007, Balcarce, agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.argenpapa.com.ar/default.asp?id=226>>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

⁸PATTERSON, P. E. 2004 Cost of Potato Production Comparisons for Idaho Commercial Potato Production. Agricultural Economics Extension Series No. 04-13. University of Idaho. December 2004.



Supra
Fertilizantes

Qualidade que se vê



A Supra Fertilizantes tem um programa nutricional adequado para cada fase da cultura.
Dept. Comercial (19) 3894-3141

